

Roberta Bellini

Psicóloga

CRP: 07/23585

POR UMA SUBJETIVIDADE DESASSOSSEGADA

“Todo momento de achar é um perder-se a si próprio” (Lispector, 1979, p.12). Em “A paixão segundo G.H.” (1979) percorremos o caminho de G.H. no processo de despersonalização de sua subjetividade, no cruzamento de uma provável reconfiguração, sendo que achar a si mesmo significa desestabilizar-se, colocar-se na liminaridade, distanciando-se temporalmente da organização, num processo de constante devir. É nesse campo que nos deparamos com a criação, às forças de invenção e reinvenção que nos mobilizam. São os fluxos e intensidades que atravessam os corpos.

As forças que abordam o ser humano, por sua vez, não são somente forças singulares, mas a paisagem que se configura é muito mais complexo. Aqui, nos deparamos com os atravessamentos que a subjetividade sofre quando é perpassada por um social que constrói e que muitas vezes, aliena o sujeito. G.H. passa por um processo que diz de uma transformação, movimento saudável de reinvenção que a coloca diante de novos modos de viver, nunca repetição. Esses modos de vida, de existência (subjetivação) são de acordo com a história constituídos e mantêm estreitas relações com a variedade de estimulações sobrevividas de diversos campos de vida, inclusive de recursos como os tecnológicos, povoando as subjetividades. Nesse âmbito, os fenômenos da globalização e do avanço tecnológico, ao aproximarem universos de toda espécie, de qualquer lugar do planeta, numa variabilidade e densificação cada vez maiores, povoam as subjetividades “por afetos desta profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias incertas e coloca em cheque seus habituais contornos” (Rolnik, 1997).

Depositada em questão a subjetividade começa a ser problematizada em meio o fervor de um tempo nômade, que aproxima o corpo físico com a máquina tecnológica. Acho importante expor aqui a definição provisória que Guattari (1992) propõe de subjetividade, sendo “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (p. 19).

Como sabemos a produção social e histórica da subjetividade não é algo novo, e as transformações do corpo a partir do uso da tecnologia trazem modelos historicamente construídos que servem como padrões da subjetividade. Diante dessa relação corpo-máquina, hoje nos deparando com questões como: onde termina o humano e onde começa a máquina? E quem somos nós? (Tadeu, 2009). Analisar os sistemas sociais significa recorrer os movimentos que estão ocorrendo tanto dentro como fora do indivíduo, pois é impossível separar o humano do ambiente, e hoje o ambiente tecnológico é essencial para se pensar como o ser humano tem regulado suas relações consigo mesmo e com os outros, pois vivenciamos, em nossa era, o nascimento da cibercultura. A cibercultura, por sua vez, propaga a co-presença a influência mútua de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional, sendo intercedida pelo espaço virtual (Lèvy, 1999).

Lèvy (1999) fala que a palavra “virtual” comporta três sentidos: técnico, ligado à informática e filosófico. No sentido filosófico, é virtual “aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização” (p. 47). De tal modo, enquanto a atualização vai de um problema a uma solução, a virtualização passa de uma solução a uma nova problematização. Como potência, o virtual se relaciona à criação da realidade. Nesse âmbito a invenção de novas velocidades e a “multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte” (Lèvy, 1996, p. 23). Com isso, as transformações tecnológicas fazem o humano relacionar-se paradoxalmente com a homogeneização da subjetividade, quando levado a seguir padrões socialmente construídos, e ao mesmo tempo com a heterogeneidade e singularização da mesma.

O advento da informática, da robótica, do ciberespaço não pode ser pensado fora do sujeito, assim, pois as “máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também de sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes” (Guattari, 1992, p. 14). A efemeridade do mundo nos coloca diante de um crescente desenvolvimento ligando-nos maquinicamente ao universo técnico-científico onde o pensamento humano é coletivo, pois só acontece a partir de agenciamentos, identificado com um efeito de coletivo heterogêneo, em que o pensar passa antes pela rede.

Dessa forma, poderíamos falar de subjetividade coletiva? Ou antes, seríamos produto unicamente de nossa consciência? Na verdade, as duas proposições complementam-se na constituição do sujeito, em que há uma relação recíproca entre este e o objeto. Dessa forma, o pensamento do indivíduo trabalha a partir dos agenciamentos, coisas do mundo que vem de fora e que se interligam no interior subjetivo do homem, sendo que essas coisas do mundo são produtos da humanidade, caracterizando, assim, um processo em que a subjetividade e os objetos são concomitantemente produtores e produzidos. Ao que Pierre Lèvy (1993, p. 135) explicita: “o pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações”. Deste modo, o pensamento deve acontecer dentro de um sistema que englobe as tecnologias intelectuais, o que vai ao encontro do conceito de rizoma que Deleuze e Guattari descrevem no centro da produção da diferença. Inteligências coletivas: esse é o vocábulo que designa o processo, sendo o ciberespaço o dispositivo que se apresenta como um dos suportes para esse tipo de inteligência.

Nesse contexto, nos deparamos com universos cada vez mais complexos, cujo cenário se configura a partir desse emaranhado de sensações, informações, afetos, comunicação, esferas sociais e subjetivas que se misturam com os fluxos e intensidades que engendram o mundo subjetivo do sujeito e obriga-o a reconfigurar-se. Imersos numa perspectiva pós-moderna, vivemos à mercê de uma desterritorialização. Talvez esse seja o nosso medo:

perder referências. Agarramo-nos a nossa identidade e não saímos de territórios previamente dados. Ao mesmo tempo, uma parafernália de dispositivos cai sobre nossos ombros: são os computadores, as câmeras digitais, laptops, internet, iPods, enfim, tecnologias que transformam a paisagem contemporânea.

Mas qual a paisagem que se apresenta hoje? Sabemos que paisagens são construções, assim como as subjetividades, e se antes estas tinham por base a primazia da natureza, lembrada aqui pela “Canção do exílio” (1847) de Gonçalves Dias, atualmente, tecnologicamente falando, somos colocados em uma “paisagem de informação”, excluindo as palmeiras e sabiás, se apropriando de palavras, códigos e números. Alves e Mancebo (2006) afirmam que tal paisagem faz com que a organização da informação seja suplantada pelo modo como a mente processa a informação. Por conseguinte “a máquina deixa de ser prótese e extensão do homem para inserir-se em seu mundo, com uma ambientação que determina sua existência, configurando novos domínios da experiência contemporânea e de estar-no-mundo” (p. 51).

Permeados pela ficção científica, somos reportados para um mundo em que os conflitos fazem parte do embate homem x máquina. As disputas por territórios entre humanos e robôs é tema recorrente em filmes que falam da relação entre subjetividades e tecnologias. Lembro do ótimo A.I. Inteligência Artificial (2002) de Steven Spielberg que remete à criação de um ser que não sabemos distinguir se é humano ou não, nesse caso, o menino-andróide substitui com perfeição o outro filho que estava doente. A ciência busca com isso superar a condição humana, e a partir de experiências mescla em um único ser o orgânico e o não-orgânico, representado pela figura do “ciborgue”, que combina, de acordo com Tadeu (2009) “de um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e subjetivação da máquina”, levando-nos a repensar o conceito do que é humano e como ele é pensado no núcleo de um social pós-moderno.

A pós-modernidade, por sua vez, contrasta com a modernidade no sentido que, enquanto esta é percebida como positivista, racionalista, baseada no progresso linear, nas verdades absolutas, o pós-moderno, privilegia, por sua vez, a heterogeneidade e a diferença, rejeitando as “metanarrativas” que impunham uma “ecologia cognitiva grandemente estruturada pela escrita”

(Lèvy, 1997). Hoje, com o advento do hipertexto podemos questionar o que antes estava pronto. Era dado, não problematizado. Agora, podemos nós mesmos ser o texto (Lèvy), indo além, transversalmente fabricando o sentido, desocupando o próprio texto, a partir de uma subjetividade nascida de si mesma.

E o humano? Nessa mistura de carne e próteses a identidade já não tem um território, é desterritorializada por natureza. É o caos, a desordem, labirintos onde não conhecemos início, muito menos final. Nesse espaço é como se existisse, tanto para o humano como para a máquina, apenas uma linha tênue para não se perder de sua identidade. Mas então, há que vieram as tecnologias? Não há respostas fechadas para isso. Podemos pensar que talvez elas vieram para destruir o homem, tentando expulsá-lo de seu mundo organizado e moderno. Talvez, fazer o ser humano repensar a si mesmo. O que sabemos de fato é que nessa discussão não cabe julgamentos morais, no sentido de achar que as tecnologias destruíram o que sabíamos sobre o sujeito, ou que fizeram do homem indivíduos melhorados, mas sim experimentar essas novas formas, explorando-as em suas potencialidades. Parafrazeando Lèvy (1999):

Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço no plano econômico, político, cultural e humano. Que tentemos compreendê-lo, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas desta forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista (p.12).

Aqui invoco novamente “G.H.” de Clarice Lispector, onde a subjetividade colocada em cheque, e contada pela personagem que experimenta essas sensações, parece diluir o ser humano em suas incertezas. Assim, qual a experiência de ser criador? Deus já não tem todo o controle do mundo. Alguém mais quer brincar de criar? O tempo parece rodar. G.H. é atemporal, intempestivo. O desafio a que nos colocamos hoje é operar num espaço e num tempo não projetados, em que humano ou máquina, consigamos viver pelos meios. A cibercultura nos proporciona outro tipo de relação com os sujeitos e

esses com sua própria subjetividade. As tecnologias, então, aparecem mais como dispositivos de experimentação, em que cada sujeito às vive de forma singular. Paralelamente, a subjetividade não deve ser anestesiada, mas sim que passe pelas linhas de fuga, e em sua constante metamorfose vivido no plano imanente, não transcenda, pois transcender significa “não ser”, já que a busca pela ruptura se dá na imanência e a travessia se manifesta como a procura do inumano dentro do humano. Assim, era de informação ou não, descarte Descartes, pois pensar não significa viver, e viver não basta, mas sim dar sentido a vida que vivemos. Desista de descobrir se somos humanos ou não, apenas respire. Porque respirar já é ser. E à vida é reservada a tragicidade. Com isso, inúmeras questões ficam em aberto, movimentando nosso pensamento, transformando-nos, obrigando-nos a buscar a reinvenção. Nesse espaço, podemos sofrer no plano virtual?

REFERÊNCIAS

ALVES, Priscila Pires; MANCEBO, Deise. **Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade**. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/261/261111106.pdf>>. Acesso em: 09 de março. 2015.

GUATTARI, Félix. **Caosmose – um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. **Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: nós somos o texto**. mimeografado, Unisinos, São Leopoldo, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.